

HUMANAS E SOCIAIS

V.9 • N.3 • 2022 •

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2020v9n3p469-479



TEXTO LIVRE

O PENSAMENTO DE BRUNO LATOUR (1947-2022)¹

André Lemos²

INTRODUÇÃO

Este é um depoimento pessoal sobre o pensamento de Bruno Latour. Tenho estudado e aplicado as suas ideias de forma sistemática desde 2010. Apesar disso, não me sinto um especialista em um autor tão complexo e irreverente. Portanto, esta é uma humilde revisão da sua obra, muito pessoal, escrita um dia depois do anúncio da sua morte, em 9 de outubro de 2022.

Tive contato com o trabalho de Latour quando do lançamento do “Jamais Fomos Modernos”, em Paris, em 1991, quando eu estava iniciando o meu doutorado em sociologia na França. Não compreendi a dimensão daquela posição teórica no momento, embora tivesse me aproximado, sem saber, da sua análise híbrida das redes sociotécnicas quando analisei, na minha tese de doutorado, a cibercultura nascente. Ela era um fenômeno emergente (estávamos em 1991), que já começava a se configurar como um fato social total. Este fenômeno deveria ser analisado a partir do entrelaçamento entre o que chamei à época de sociabilidade e tecnicidade. Meu livro, “Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea” (LEMOS, 2002), versão atualizada da tese de doutorado homônima defendida em 1995, faz agora 20 anos e será relançado com uma nova apresentação. Nela aponto esses vínculos:

1. Palestra realizada em 26/10/2022 no TIDD-PUC-SP, São Paulo. Apoio CNPq (Processo: 101235/2022-4).

2. André Lemos é escritor, Professor Titular da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Pesquisador 1A do CNPq. <http://orcid.org/0000-0001-9291-6494>

[...] A perspectiva adotada vê a vida social como resultado de sistemas sociotécnicos híbridos (Latour, 2005). [...] A sociedade mudou, assim como o entendimento sobre ela. [...] Certamente não estava disponível, naquele momento, as potentes ferramentas digitais de monitoramento de dados e de acesso à informação nas diversas formas de interação social, inclusive em tempo real, como temos hoje. E as redes sociais também não tinham a potencia mobilizadora e de influência na esfera pública (na política, no entretenimento, na economia [...] como têm hoje. [...] A tese de origem, e este livro, trazem, portanto, as sementes do que 10 anos mais tarde vai se chamar de “sociologia digital”!³

Latour influencia, desde o início do seu trabalho como um dos fundadores dos *Science and Technology Studies* (STS) e da Teoria Ator-Rede (TAR)⁴, o campo nascente da sociologia digital. Mas o impulso mais consistente vem quando ele sai do Centre de Sociologie de l’Innovation (CSI) da École des Mines de Paris (atualmente Mines ParisTech) e vai, em 2007, fundar o Medialab na Science Po na capital francesa, dando valor aos rastros e ao mapeamento das ações sociais através de cartografias de controvérsias, utilizando métodos plurais, dentre os quais, os atualmente chamados de “métodos digitais”.

O tempo passou e só voltei a me deparar com a obra de Latour em 2010. Reli nesse momento “Jamais Fomos Modernos” (91); “Aramis, Ou o amor da tecnologia” (1992); “Vida de Laboratório” (79), *Ciência em Ação* (1987); “A Pausterização da França” (1988), “Making things public: atmospheres of democracy” (2005), “Regregando o Social” (2005), bem como diversos artigos, tais como “O todo é sempre menor do que as partes: um teste digital acerca das mônadas de Gabriel Tarde”; “Where Are the Missing Masses - The Sociology of a Few Mundane Artifacts” (1992), “On Technical Mediation - Philosophy, Sociology, Genealogy” (1994), “On Interobjectivity” (1996), para citar alguns. Ofereci disciplinas, fiz palestras, orientei dissertações e teses tendo como base teórica os trabalhos de Bruno Latour. Em 2010 redirecionei as atividades e pesquisas do meu laboratório de pesquisa (Lab404⁵). Escrevi em 2014 “A comunicação das coisas. Comunicação e Teoria Ator-Rede” (LEMOS, 2013).

Sua obra gerou uma virada onto-epistêmica que está materializada na minha produção atual, quando passo a me dedicar ao estudo das novas materialidades e sociologias pragmáticas ligadas aos estudos da comunicação e da teoria sociológica. Muitos pesquisadores (graduação, mestres, doutores e pós-doutores) foram, desde então, introduzidos à obra e ao pensamento de Bruno Latour. Me orgulho de ter podido ajudá-los no conhecimento da sua obra em uma área em que ele é (ainda, mas cada vez menos) pouco estudado e debatido⁶.

3. Este texto, ainda inédito, está em processo de edição na editora e poderá sofrer modificações quando da sua publicação definitiva.

4. Duas autoras são fundamentais para o seu pensamento, Isabelle Stengers (Latour disse certa vez que aprendeu com ela a pensar sobre a ciência) e Madeleine Akrich (com quem aprendeu sobre a técnica e a moral das máquinas).

5. <http://www.lab404.ufba.br>

6. Tenho feito palestras e cursos pelo Brasil na área da comunicação e afins e são poucos os que leram, por exemplo, o “Investigações sobre os modos de existência”, obra fundamental que resume bem 30 anos do seu trabalho. Propus dois novos modos que estão em discussão (LEMOS, 2015, 2020a).

Sua obra tem sido decisiva na minha atual trajetória. Isso não significa falta de divergências, nem a inexistência de outras influências, mas que o reencontro com a seu pensamento, aliado ao privilégio de ter estado com ele pessoalmente em 2012 em Salvador foram determinantes para o redirecionamento das minhas atividades acadêmicas e literárias⁷. Nosso percurso enquanto intelectuais é feito de encontros com ideias e o nosso pensamento é um caminho errático em busca de si mesmo. Aprendendo devemos ir. Ou é isso, ou é a paralisia, o conforto preguiçoso e mortal das mesmas ideias que não mais dialogam com a vida.

Sou engenheiro de formação e sociólogo por ofício há 30 anos e hoje percebo que me encaixo bem no que poderia ser uma definição do pensamento de Bruno Latour: “sociotécnico”. A palavra me permite ajustar (certamente de forma bem reducionista), o seu pensamento à minha posição teórica. Sociotécnico é um termo que permeia a trajetória de toda a sua obra na realização de uma antropologia dos modernos. Latour passou, grosso modo, da busca pelo entendimento da produção do fato científico (laboratório, micróbios...) às análises das construções do coletivo nas associações, mapeando as redes e as mediações (STS e TAR), chegando, na última fase, ao destaque dos diversos modos de existência como forma diplomática de luta contra a crise climática que ameaça a vida no planeta. Em todas essas dimensões, a valorização do híbrido, a atenção aos objetos e às redes parecem confirmar que o termo sociotécnico se encaixa bem ao seu pensamento.

Nessa trajetória bem definida e sem grandes bifurcações (embora suas obras sejam difíceis de classificar, e sua atuação tenha transitado pela academia e pelas artes), o entrelaçamento de modos, a importância dos objetos e de outros não humanos formam a base de seu pensamento não antropocêntrico, buscando compreender como a modernidade nos levou ao atual impasse civilizacional. Em sua ontologia e epistemologia, Latour não exclui os fatos científicos das condições materiais de realização; as associações que formam os coletivos da força performativa dos não humanos; e indica diferentes condições de se “falar bem” (“verdade”) de acordo com diferentes modos de existência. Em 2013 ele ganhou o Holberg Prize, conhecido como o prêmio Nobel das humanidades.

Aos poucos, Latour vai passando de uma discussão sobre o que é a verdade, ou o fato social (sempre instaurado, construído, produzido), às redes e mediações que constituem o coletivo (o “social”), tendo sempre em vista o fascínio pela identificação dos modernos. Toda a sua obra é uma antropologia desses seres bizarros que “*não fazem o que dizem, nem sabem dizer o que fazem*”, como ele afirmou recentemente em entrevistas recentes⁸. Na última fase, ele se dedica a pensar os impasses políticos da dimensão ecológica, sem cair na perspectiva purista, ressaltando problemas atuais e urgentes para encontrar condições de habitabilidade para todos. Aqui os livros “Diante de Gaia. Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno” (2020), “Onde Aterrar. Como se orientar politicamente no Antropoceno: Volume 1” (2020), “Onde Estou. Lições do confinamento para uso dos terrestres” (2021) e “After Lockdown: A Metamorphosis” (2021), relacionando covid, produção de fatos, relação

7. Fui cicerone dele e de Chantal, sua esposa, por três dias em Salvador, quando da finalização do evento “A Vida Secreta dos Objetos” (idealizado pelo colega Eric Felinto, da UERJ), no ICBA, com o lançamento do “Reagregando o Social”.

8. Ver as entrevistas à televisão franco-alemã ARTE (2022) e à Radio France no programa “Chemins de la Philosophie” (2022) disponíveis em <https://youtu.be/sYfwkTgEpmE> (20/10/2022) e <https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/les-chemins-de-la-philosophie/les-chemins-de-la-philosophie-du-lundi-21-mars-2022-6989359>, respectivamente.

humano – não humano e o Antropoceno são indispensáveis. Os humanos (os modernos), segundo Latour, devem urgentemente se transformar em “terranos”, ou seja, fincar os pés no planeta e evitar abstrações escapistas.

Latour atuava também no campo das artes, com exposições e peças de teatro. Tendo como exemplo Pasteur, que buscava traduzir a ciência para sensibilizar os políticos, ele afirmava que a arte é uma maneira de fazer passar o seu pensamento, ser diplomático agindo não apenas pelo argumento racional, mas pela fruição estética. Como exemplo temos as exposições “Iconoclash”, 2002; “Making Things Public”, 2005; “Reset Modernity”, 2016; “Critical Zone”, 2020, todas no ZKM (Karlsruhe). No teatro: “Cosmocolosse”, 2013; “Gaia Global Circus. A Climate Tragicomedy”, 2014. Ele estava com uma performance agendada em Nova Iorque nos dias 27 e 28 de outubro de 2022, com o parceiro Frédérique Ait-Touati, chamada “The terrestrial trilogy”, mas não teve tempo de realizar..

SOBRE A TAR, A VERDADE E OS MODERNOS

Aponto rapidamente os conceitos de mediação e rede, fundamentais na primeira etapa do seu pensamento quando ele se interessa pelo fato científico e o fato social através dos STS e da TAR. Esses conceitos são chaves para as ciências humanas e eles devem ser levados a sério na área da “comunicação social” no Brasil.

Mediação é o ato de transportar uma ação transformando a associação na qual as entidades se encontram (LATOUR, 2012). Tudo é mediação, e não é possível analisar controvérsias sociais sem essa noção, ou seja, sem a formação de uma rede de atores que age e faz agir. Mediação é deslocamento no curso de uma ação empreendida por mediadores. Esse conceito central está vinculado aos de comunicação, comunidade, comum, não podendo ser reduzido, nem às relações mecânicas dos objetos, nem às intencionalidades conscientes dos humanos. Ela é toda relação que retira uma entidade do isolamento e a vincula a outra na produção de uma ação. Esta relação envolve mediadores, ou “actantes” (que podem ser humanos ou não humanos), que são a própria definição do “ator-rede”.

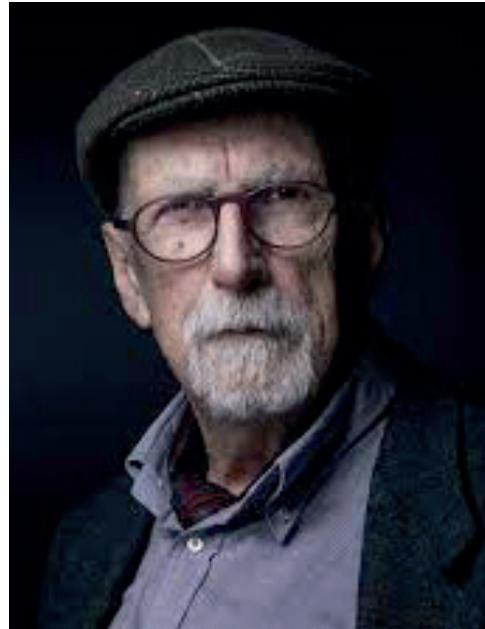
Um ator é sempre rede e uma rede exerce sempre função de ator. Essa qualidade não é uma substância, mas algo que se exerce a depender do tipo de mediação, por subsistência. Algo pode ser mediador em uma associação e não em outra (sendo neste caso um “intermediário”, que “transposta se transformar”). Na mediação, entidades passam por outras para existir, sendo ruptura de isolamento, contato com outro, tradução, agência, relação. A centralidade da ação se revela sempre à posteriori, na descrição e na análise da ação em questão, podendo oscilar de um mediador a outro.

Para Bruno Latour, a sociologia não leva em conta seriamente o papel dos objetos na formação das associações (as “massas ausentes”) (LATOUR, 1992). Por dar ênfase ao sujeito humano, ele chama essa sociologia antropocêntrica de “sociologia do social”, destacando a necessidade de pensarmos o social como coletivo que se produz de forma híbrida entre *quasi-sujeitos* e *quasi-objetos* (expressões estas de Michel Serres). Ele propõe passarmos de uma “sociologia do social” para uma “sociologia das associações” ou “associologia”, fiel à origem do termo social (“o que associa”), inspirado em Gabriel de Tarde.

Apontei em artigos e livros como esta crítica pode ser aplicada ao campo da comunicação e propus chamarmos o campo de conhecimento da “comunicação social” de “comunicação associal”, a fim de destacar as dimensões performativas dos objetos nos processos de mediação que constituem a esfera comunicacional e nos transformam (nós, humanos) nas associações (LEMOS, 2020b; LEMOS; BITENCOURT, 2021). Sem isso, não entendemos amplamente as mediações em jogo por não reconhecermos, como a devida atenção, as materialidades e os agenciamentos em causa. Bruno Latour não quer desconstruir, mas “reagregar o social”, ressaltando as mediações, as redes, a fim de identificar controvérsias que permitem entender como um coletivo se estabelece e assim poder pensar saídas para as crises.

Imagem: JOEL SAGET/AFP

O filósofo americano Graham Harman chamou Bruno Latour de “Príncipe das Redes” (HARMAN, 2009). De fato, se podemos resumir o pensamento complexo do sociólogo francês, esta parece ser uma boa expressão: um pensador das “redes sociotécnicas”. A rede é menos o contexto de onde domínios específicos (política, ciência, economia) emergem, do que o resultado particular de mediações. Não é, nesse sentido, apenas a dimensão estrutural, mas a dinâmica das relações. Não é apenas a infraestrutura, mas o que se origina das mediações e passa por essa materialidade. Sua sociologia, portanto, busca manter os olhos atentos aos rastros, descrever as redes no momento em que se formam, reconhecer objetos como agentes sociais, seguir os atores (humanos e não humanos) para “reagregar o social”.



O filósofo e sociólogo francês Bruno Latour

Um excelente exercício de verificação desta sociologia das associações (e do “estilo” da obra, que é uma das proposições de Latour), é o seu livro “Aramis, ou o amor da tecnologia” (LATOURE, 2002). Aqui, e isso deveria ser a base da sociologia digital que precisa sair da armadilha de explicar e encontrar leis gerais e se colocar mais no lugar de indicar questões para análises qualitativas mais finas, o entendimento do agenciamento complexo do erro (o projeto “Aramis” de construção de veículo automático sobre trilhos foi abortado), é fundamental, não para corrigir e achar leis e explicações gerais, mas para apontar onde está o que é problemático e o deve ser pensado como problema coletivo. O interessante não é tanto resolver o problema, mas identificar o que é problemático.

O pensamento latouriano é, certamente, um antídoto a abordagens que partem de enquadramentos teóricos generalistas (aplicadas a qualquer fenômeno) e que impedem uma visão mais simétrica das ações nas associações. A sociologia das associações consiste em identificar boas controvérsias e segui-las antes de serem resolvidas (virarem “caixas-pretas”), exibindo as porosidades das “categorias

do social”. Tudo é construído e a questão é perguntar se fizemos ou não boas construções. Consequentemente, a “verdade” é um enunciado estável que se diz dentro de cada modo de existências. Assim há múltiplas verdades, pois há múltiplos modos de existência. Não há um mundo que é descoberto, mas um entrelaçamento entre exegese e ontologia construindo os fatos sociais. Por isso mediação, instauração, caixa-preta, ponto de passagem obrigatório, intermediários, actantes são conceitos chaves de sua obra.

DIPLOMACIA, OS MODOS DE EXISTÊNCIA E O ANTROPOCENO

A fase atual do pensamento de Bruno Latour foca na discussão sobre a crise climática, sobre a necessidade de encontrarmos forma de sobreviver e de manter Gaia viva. Essa discussão será brilhantemente ancorada no “Enquete sobre os Modos de Existência” (2012)⁹, destacando os diversos modos de existência que constituem os modernos, apontando para a necessidade de entendermos suas condições de felicidade para repensarmos as atuais condições de habitabilidade no planeta. A sua hipótese é que a modernidade se acomodou em doze modos de existência (seres do direito, da religião, da ficção, da metamorfose, da técnica etc.), expondo uma ontologia que pretende revelar os diversos seres e suas condições de felicidade que compõem a vida dos modernos.

Para enfrentar os desafios contemporâneos, Latour identifica erros de categoria e condições de felicidade particulares a cada um desses modos, seus critérios de veracidade (ou de “falar bem”). Ele desenvolve o que eu chamaria de uma “sociologia do erro”, pois expõe os erros da modernidade ao traficar condições de felicidade de um modo sobre outro, nos levando à problemas de entendimento sobre o funcionamento da ciência, sobre a racionalidade, sobre a materialidade, sobre a sociedade, sobre o humano, culminando no impasse atual da crise climática. Por exemplo, sobre o tráfico de verdade entre os modos, cobrar eficácia objetiva em debates políticos é confundir o modo da política (POL) com o modo da ciência, o da referência (REF). O próprio da política é a circulação da palavra para a produção do comum. O mesmo seria exigir uma eficiência algorítmica aos processos jurídicos (DRO), sendo que o modo do direito se caracteriza pela necessidade de ir e vir a documentos (materialidades) para encontrar condições de julgamento. A confusão de modos nos trouxe ao impasse da modernidade, dificultando diálogos e saídas da crise (como a climática, atual). A cosmovisão moderna constituiu-se como um emaranhado de modos e visões de mundo. É urgente desembolar as coisas para poder encontrar a maneira de “falar bem”, já que o problema principal agora é “ecologizar” (achar o comum, a casa), aterrissar e dar espaço a outros seres e seus modos diversos de existência.

A obra avança em relação à teoria ator-rede clássica, já que coloca valores nas associações. Os domínios não são estanques, afirma Latour na TAR, mas há algo particular, valores específicos que circulam e que se diz tecnicamente, cientificamente, subjetivamente, artisticamente, juridicamente... Portanto, os modos são esses valores que circulam em redes e que constituem suas condições de felicidade e de verificação. A noção de mediação e rede são centrais ainda, mas não bastam sem

9. Ele coroa um trabalho de trinta anos, sendo uma obra aberta, ancorada em um *website*, escrito sem referências bibliográficas e retomando muito do que já foi discutido em sua obra. Ver <http://modesofexistence.org>

aquilo que lhes dá consistência, ou continuidade. A novidade vem da adoção do conceito de “Modos de Existência” de Étienne Souriau (1943/2009).

A sua hipótese central é que os seres para existirem têm de passar por outros. Os seres são atravessados pelos seus modos de existência, sendo o sentido uma trajetória desenhada por um modo, que por sua vez define os antecessores e os sucessores, uma linhagem no curso de uma ação. Esta é uma perspectiva social, humanista, política e mesmo religiosa de reconhecimento do entrelaçamento entre os seres. Existir é continuar a trajetória através de uma superação de descontinuidades. Portanto, não se trata do ser enquanto substância, mas de ser enquanto subsistência. Como valores, o que é verdadeiro ou falso se diz apenas dentro das condições de felicidade de cada modo.

Junto com a rede (RES) entra em jogo a Preposição (PRE), o lugar e a assertiva de suas condições de felicidade, reduzindo os erros de categoria, evitando que um modo seja interpretado pelos valores de outro. Esses posicionamentos são designados pelo termo “preposição” (o termo vem de William James). Ela é a chave de leitura dos modos. Como método, deve-se descrever a rede, verificar se o que se diz da prática é o que os informantes entendem como sua prática, explorar as diferenças entre os dois primeiros termos e, por fim, propor uma outra proposição que termine com a separação entre o que se descreve e o que se verifica!

Quando as redes são esquecidas, salta-se de um lado para o outro, institui-se caixas-pretas considerando-se apenas as extremidades. É isto que faz o demônio moderno da purificação, o Duplo Clique (DC), o terceiro elemento metalinguístico da enquete (junto com RES e PRE). O que DC faz é acusar tudo que necessita de uma rede de mediações para existir de falso. Todos os que estão atentos às redes, às transformações por saltos e descontinuidades são estigmatizados como “relativistas”, sem se dar conta que aqueles que querem que haja transporte sem transformação é que seriam “absolutistas”.

Os modernos, explica Latour, não seriam racionais, pois seu pensamento institui um “racionalismo” que é aplicado de forma absoluta a tudo, sem pagar o preço das transformações, das mediações, das redes. Seres bizarros, os modernos, não são racionais, nem materialistas, nem objetivos, mas idealistas e absolutistas, que não gostam do que é construído, embora tudo seja construído e eles não parem de se engajar em processos constantes de novas instaurações. Reconhecer as instaurações impediria executar saltos mágicos que são absolutistas, relativistas e não materialistas.

Latour propõe então abandonar o termo “construtivismo” ou construção, já tão carregados, propondo, a partir de Souriau, a ideia de “Instauração” que implicaria em três dimensões: 1. Não se sabe a fonte exata de uma ação. Há sempre um enigma sobre o autor da ação; 2. A direção da ação é sempre incerta; 3. Dizer que algo é construído é introduzir um julgamento de valor não apenas sobre a origem da ação, mas também sobre a qualidade da construção. Assim, o artista, o artesão, o prático e o teórico não são construtores (do falso, do fictício, do ilusório), mas instauradores de mediações que constituem a realidade. Nada existe sem o caminho das mediações, tudo é instaurado, e a racionalidade pressupõe mapeamento seguindo justamente as mediações.

Não existe uma única maneira de falar, mas múltiplas formas, respeitando as condições de felicidades dos modos e identificando sempre as mediações, pois o que existe, existe passando por outro (*être-en-tant-qu'autre*). Essa racionalidade, para ser qualificada enquanto tal, deve seguir a experiência,

os rastros dos mediadores, respeitando redes e preposição do modo, lutando contra as simplificações grosseiras do Duplo-Clique. A investigação sobre os modos de existência deve ser assim nomeada não como apenas como um modo de conhecimento, mas como um questionário plurimodal, como uma “filosofia empírica”, uma “metafísica experimental”, uma “antropologia comparada”, ou uma “ontologia prática”.

CONCLUSÃO

Sou um “sociotécnico”, como apontei no início deste ensaio. Sociotécnicos são também as personagens de Aramis que operam por uma tradução constante entre as questões de construção do coletivo e a dimensão técnica. Nesse livro, que Latour chama de ciência-ficção (*scientifiction*), ele afirma sobre engenheiros e projetos técnicos algo muito próximo do que Simondon (SIMONDON, 1989) escrevia sobre a cultura técnica (desvalorizada e mal compreendida na modernidade):

[...] só uma ficção que ganha ou perde em realidade pode dar justiça aos engenheiros, esses grande desvalorizados da cultura e da história. A ficção faz parte do seu trabalho. Eles são romancistas cujo projeto vai ser arquivado (sem interesse) ou vai virar objeto. Um projeto técnico é uma ficção”, uma “tecnoficção”. [...] nenhum projeto técnico é no início técnico (1992, p. 28-29, p. 34).

No trabalho de Latour, e de todos os que circulam em torno de suas ideias, e ao redor de todos os pensadores em torno dos quais Latour circulava (James, Whitehead, Stengers, Tarde, Garfinkel, Greimas, entre outros) encontramos uma forma potente de pensamento, ao mesmo tempo perspicaz, motivadora e perturbadora, uma “filosofia empírica” que faz sentido e nos ajuda a entender o estado atual do planeta. Seus ensinamentos são preciosos: Seguir os atores, se concentrar no que é controverso (ou seja, no que não há controversa sobre o que é controverso), entender que tudo, todas as coisas, vivas ou inanimadas buscam subsistir passando por outras, não valorizando tanto as “essências”.

Os modernos viviam em um mundo aberto a ser explorado, em uma “natureza” vista como externa e a ser conquistada, como um reservatório (HEIDEGGER, 1958) a ser utilizado para os seus projetos. Agora não mais. Com o Antropoceno (BONNEUIL; FRESSOZ, 2016), esta nova fase geológica inverte a máxima do “mestre e possuidores”, do domínio e da posse de uma “natureza” como entidade externa. Estamos diante da necessidade de mudar para sobreviver. Um país como o Brasil, cheio de “deuses”, como ele me disse certa vez, poderia ser um exemplo a ser seguido para ajudar Gaia a sobreviver. Mas estamos perdendo esta oportunidade. Ela não virá por uma “política que pensa a ecologia”, mas pela busca de formas de habitabilidade que reconheça modos plurais em Gaia. Esta deve ser o cerne de uma “política que se pensa como ecologia”.

Fica a triste sensação de que ele foi muito cedo, que tinha tanto ainda para oferecer, principalmente para nos ajudar a entender e a buscar saídas inteligentes para atual crise climática planetária. Nossas crises, hoje, são todas de habitabilidade. Como fazer política, circular as palavras em prol de um comum e encontrar formas de habitar o planeta com espaço para todos? Sem Latour vai ficar mais difícil responder a essa pergunta.

REFERÊNCIAS

- BONNEUIL, C.; FRESSOZ, J.-B.. **The shock of the Anthropocene: The earth, history, and us.** Verso, 2016
- HARMAN, G. **Prince of networks: Bruno Latour and metaphysics.** re.press
- HEIDEGGER, M. (1958). La question de la Technique, In **Essais et Conférences** (p. 9-48). Gallimard, 2009.
- LE MOS, A. **Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Sulina, 2002
- LE MOS, A. **A comunicação das coisas. Teoria ator-rede e cibercultura.** Annablume, 2013
- LE MOS, A.. Por um modo de existência do lúdico. **Revista Contracampo**, 32, 4. 2015. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i32.732>
- LE MOS, A. Comunicação, Mediação e Modo de Existência na Cibercultura. In. G. ALZAMORA; J. ZILLER; F. COUTINHO (Org.), **Dossiê Bruno Latour.** UFMG, 2020a
- LE MOS, A. Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. **Galáxia** (São Paulo), 43, 54–66. 2020b. <https://doi.org/10.1590/1982-25532020143970>
- LE MOS, A.; BITENCOURT, E. Sete pontos para compreender o neomaterialismo. **Galáxia** (São Paulo), 46, e52017. 2021 <https://doi.org/10.1590/1982-2553202152017>
- LATOUR, B. **The pasteurization of France.** Harvard University Press, 1988.
- LATOUR, B. Where Are the Missing Masses – The Sociology of a Few Mundane Artifacts. In W. E. Bijker; J. Law, **Shaping Technology/Building Society: Studies in Sociotechnical Change** (p. 225–258). MIT Press, 1992
- LATOUR, B. On Technical Mediation—Philosophy, Sociology, Genealogy. **Common Knowledge**, 3(2), 29–64. 1994
- LATOUR, B. 199). On Interobjectivity. **Mind, Culture, and Activity**, 3(4), 1996, 228–245. https://doi.org/10.1207/s15327884mca0304_2
- LATOUR, B. **Aramis, or the love of technology** (C. Porter, Trad.; 4. printing). Harvard University Press, 2002
- LATOUR, B. **Science in action: How to follow scientists and engineers through society.** Harvard Univ. Press. 2003
- LATOUR, B. **Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory.** Oxford University Press, 2005
- LATOUR, B. **Reagregando o social: Uma introdução a teoria do ator-rede,** 2012

- LATOUR, B.. **An inquiry into modes of existence: An anthropology of the moderns.** Harvard University Press, 2013
- LATOUR, B. **Face à Gaïa.** La Découverte, 2015
- LATOUR, **BOù atterrir? Comment s'orienter en politique.** La Découverte, 2017
- LATOUR, B. **After Lockdown: A Metamorphosis.** Polity Press, 2021
- LATOUR, B. **Où suis-je? Leçon du confinement à l'usage des terrestres.** Empêcheurs de Penser En Rond, 2021
- LATOUR, B.,; JENSEN, P.; VENTURINI, T.; GRAUWIN, S.,; BOULLIER, D. 'The whole is always smaller than its parts' - a digital test of Gabriel Tarde's monads. **The British Journal of Sociology**, 63(4), 590-615. 2012 <https://doi.org/10.1111/j.1468-4446.2012.01428.x>
- LATOUR, B.; LOWE, A. The migration of the aura or how to explore the original through its fac similes. Em **Switching Codes** (p. 1-18). University of Chicago Press, 2010
- LATOUR, B.; VENN. C. Morality and Technology. **Theory, Culture & Society**, 19(5-6), 247-260. 2002 <https://doi.org/10.1177/026327602761899246>
- LATOUR, B.; VIEIRA, M., Costa, A. **Onde Aterrizar? Como Se Orientar Politicamente No Antropoceno.** Bazar Do Tempo, 2020.
- LATOUR, B.; WEIBEL, P. (Org.). **Making things public: Atmospheres of democracy.** MIT Press; ZKM/ Center for Art and Media in Karlsruhe, 2005
- LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **Laboratory life: The construction of scientific facts.** Princeton University Press. 1986
- LATOUR, B. **A vida de laboratório: A produção dos fatos científicos.** Relume Dumará, 1997
- LATOUR, B. **Aramis ou l'amour des techniques.** La Découverte, 1992
- SIMONDON, G. **Du mode d'existence des objets techniques.** Aubier, 1989
- SOURIAU, E. **Les différents modes d'existence.** PUF. 1943/2009

Recebido em: 5 de Novembro de 2022



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>



Este artigo é licenciado na modalidade acesso aberto sob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA